



O ENSINO DA PSICANÁLISE NA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA¹

Ubirajara Cardoso de Cardoso², Cláudio Boeira Garcia³

INTRODUÇÃO: O presente texto aponta que o problema quanto a ensinar a psicanálise na Universidade está contido num problema de âmbito mais universal do ensino da psicanálise, ou seja, é um caso particular, é uma tipificação de alguma coisa que se crê existir como possibilidade, isto é, que a psicanálise pode ser ensinada. Tal tipificação, portanto, participa do conceito dessa possibilidade, mas não é necessária e só existe a partir da iniciativa de quem a proponha. **MATERIAL E MÉTODOS:** O texto resulta de uma pesquisa bibliográfica, que visa destacar as principais considerações sobre as questões do ensino da psicanálise, onde se destacam três questões: o que é o ensino da psicanálise, a formação em psicanálise, a transmissão da psicanálise? O fato de usar três termos diferentes alude ao fato de que eles se aplicam a experiências que são relativas, mas que não coincidem ponto a ponto. A transmissão da psicanálise implica que na formação de cada psicanalista alguma coisa é transmitida, pelo menos desde a invenção inaugural de Freud, e que isso é a apropriação por cada um de uma experiência que não é espontaneamente acessível, pois depende de uma experiência anterior, de um outro. Isso quer dizer que para haver psicanalista, precisa que tenha havido psicanalista antes, a contar de Freud. Dessa maneira, a formação em psicanálise depende de que ela seja transmitida pela experiência de psicanalistas já formados, mesmo que em formação permanente, para outros que escolhem, desejam receber essa formação e que se encontram em seus princípios. Agora, o ensino da psicanálise não necessariamente depende de sua transmissão. Todo ensino é parcial, é sempre “alguma coisa de” que pode ser ensinada, assim “alguma coisa de psicanálise” também pode ser ensinada. No tocante à universidade, à tipificação já destacada, o problema começa por ser colocado aqui, pois o ensino da psicanálise na universidade não tem o objetivo precípuo de formar psicanalistas, senão de informar sobre seus conceitos, como de resto toda graduação universitária tende a ser primeiramente a exortação à experiência de começar a conhecer, de dar os primeiros passos em direção à teoria. Entretanto, a coisa não é tão simples, pois esse “algo de” pode vir a ter efeitos “de algo de formação”, o que só pode ser contado depois, caso uma formação psicanalítica propriamente dita venha a acontecer, para o que não há garantias. Será que esses efeitos devem ser assumidos, quem sabe até desejados, ou devem ser evitados, pelos mal-entendidos que podem ocasionar? Como pretender, diante dessa impossibilidade de garantias, aceitar o desafio imposto em tomar a iniciativa de falar da psicanálise no âmbito de seu ensino e proceder isso cujo saldo pode ter a ver com “algo de formação”? O problema é vasto, e seus princípios de resolução já dependem da perspectiva que se tome. Diante deste fato, nesse estudo será necessário escolher uma perspectiva, e ela estará ligada à tipificação universitária do ensino da psicanálise em cursos de psicologia e ao estágio na clínicas-escola de psicologia orientadas pela teoria psicanalítica. Essa prática de estágio, do encontro de um aluno com um paciente, não é sem problemas, e implica admitir antes a viabilidade, a validade e a eticidade de proporcionar universitariamente esse encontro, em vista dos efeitos terapêuticos que ele pode produzir. **CONCLUSÕES:** Admitir esse encontro entre um estagiário de psicologia e um paciente, numa situação de tratamento psicológico com supervisão de orientação psicanalítica,

¹ O texto apresenta resultados parciais da pesquisa o *Ensino da Psicanálise na Clínica-Escola de Psicologia*, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Mestrado, da UNIJUI.

² Mestrando em Educação nas Ciências e integrante do Projeto de Pesquisa *Educação e Política* alocado no Programa de Pós - Graduação em Educação nas Ciências, Mestrado, da UNIJUI.

³ Professor Orientador.



é a admissão anterior de que o que pode resultar desse encontro tem uma viabilidade, uma validade e uma eticidade reconhecidas, porque examinadas, e que os seus critérios de viabilização, validação e etificação podem ser demonstrados. Além disso, que esses critérios têm que possuir uma lógica solidária ao próprio escopo da teoria psicanalítica. Pesquisar esses critérios será o tema desse trabalho, partindo da hipótese de que eles são o que determinam a complexidade do ensino que está em consideração, isto é, que sua clareza participa, ou antes, é o essencial, do que é ensinado e transmitido como formação ao aluno para o exercício do ato que se espera dele ao término da sua graduação. Foi dito antes que não há garantias dessa formação, que ela é um evento. Tomar o partido de aceitar que esse evento possa se produzir, mais ainda, de criar condições para que se produza, é um ato de responsabilidade de quem ensina. Como assumir essa responsabilidade? Que tipo de formação anterior tem que constar? O estudo aqui proposto procura responder essa pergunta. Como introdução, será necessário decretar que é uma responsabilidade coletiva, ou seja, que não deve ser assumida sozinha, mas junto com outros, na companhia de outros, o que determina que seu proceder é uma ação, no sentido que Arendt (1981) dá a esse termo. Essa coletividade será chamada nesse trabalho de “equipe clínica”, que é constituída por todos que, de qualquer forma, contribuem para que o encontro de um estudante universitário com um paciente possa se produzir, em condições de maior ou menor complexidade.